



## **Acidente na BR 282: Uma Análise da Cobertura no Jornal Diário Catarinense<sup>1</sup>**

Camila STUELP<sup>2</sup>

Leoní SERPA<sup>3</sup>

Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, SC

### **RESUMO**

O presente trabalho investiga o modo de fazer jornalismo do Diário Catarinense, impresso de maior circulação de Santa Catarina, diante de uma cobertura de proporções trágicas: o acidente ocorrido em 5 de março de 2011, na BR-282, em Descanso, no Extremo Oeste catarinense. A colisão entre um caminhão e um ônibus causou 29 mortes. A cobertura do acontecimento no Diário Catarinense é objeto de análise desta pesquisa, que atenta às características da notícia, rotinas produtivas, dramatização dos fatos e sensacionalismo. A análise engloba as quatro edições do jornal que circularam nos dias seguintes ao acidente: 6 a 9 de março de 2011. É observada a abordagem do fato, os aspectos mais relevantes, enfim, como se compõe a cobertura do acidente no impresso. A cobertura de um assunto como o acidente na BR-282 exige cautela em sua abordagem, uma vez que o fato é, em si, sensacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** acidente; BR 282; Diário Catarinense; dramatização.

### **Introdução**

O jornal impresso desempenha papel singular frente à sociedade sobrecarregada de meios, uma vez que os periódicos são historicamente consolidados por sua credibilidade em veicular informações precisas e apuradas. Em jornalismo impresso encontra-se espaço tanto para notas breves e notícias imediatas como para reportagens densas, planejadas e reflexivas.

O presente trabalho investiga o modo de fazer jornalismo do jornal Diário Catarinense, frente a uma cobertura de proporções trágicas: o acidente ocorrido em 05 de março de 2011, na BR-282, em Descanso, no Extremo Oeste catarinense. O assunto estampou páginas de jornais, revistas, noticiários televisivos, rádios e internet. A cobertura do acontecimento no Diário Catarinense é objeto de análise desta pesquisa,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Jornalismo da Unoesc – São Miguel do Oeste, email: camilastuelp@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Unoesc – São Miguel do Oeste.



que se fundamenta na Teoria do Jornalismo e autores como Nilson Lage, Luiz Costa Pereira Junior, Elcias Lustosa e Muniz Sodré, acerca de características da notícia, dramatização dos fatos e sensacionalismo.

## **O acidente**

A BR 282 cruza Santa Catarina de um extremo ao outro e é conhecida por um histórico de acidentes trágicos. Nos últimos seis anos, foram registrados cinco acidentes considerados muito graves, um deles, ocorrido em março de 2011.

A madrugada de sábado, 05 de março de 2011, ficou marcada como data de um acontecimento impactante, ocorrido na região Extremo Oeste de Santa Catarina, que repercutiu em todo o país. Um ônibus de turismo que transportava 43 passageiros e dois motoristas colidiu com uma carreta carregada de tábuas de madeira, que transportava um motorista e caroneira. Ao total, 29 pessoas tiveram suas vidas ceifadas no acidente.

De acordo com informações da Polícia Rodoviária Federal – PRF - a colisão ocorreu por volta das 3h15, na altura do km 639 da BR-282, na região de Descanso. A carreta tombou depois de uma curva, se arrastou por 20 metros e bateu de frente com o ônibus. O grupo de pessoas que estava no coletivo havia saído de Linha Salto, em Santo Cristo, RS, às 21h de sexta-feira, 04 de março de 2011.

O coletivo da empresa de turismo Nyland se deslocava de Santo Cristo/RS, para Marechal Cândido Rondon/PR, levando uma equipe de bolão, que participaria de confraternização no Paraná. No sábado à tarde, fariam partida amistosa com a equipe do Clube Aliança, em Marechal Cândido Rondon. No domingo, 06, os gaúchos participariam de outro evento esportivo com a equipe de bolão da cidade vizinha, Pato Bragado. A viagem que tinha como destino a diversão, acabou em tragédia. (WAGNER, 2011, p.17).

Segundo dados da PRF, a carreta viajava do Piauí com destino à Pelotas, RS, guiada pelo motorista e proprietário Fernando Zanetti Furtado, de 29 anos. O ônibus pertencia à empresa de Turismo Nyland, de Horizontina, RS, contratada para transportar os 44 passageiros de Santo Cristo, RS, ao destino paranaense de Marechal Cândido Rondon. Os passageiros que estavam no ônibus eram, em sua maioria, moradores da comunidade de Linha Salto, interior de Santo Cristo, município situado no noroeste



gaúcho que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, possui 14.378 habitantes, cerca de 45% destes, no meio rural<sup>4</sup>.

Entre os mortos no acidente estava o motorista e a passageira da carreta e o motorista do ônibus. O enterro das 26 vítimas, mortas na hora do acidente, aconteceu no domingo, 6 de março de 2011.

Aliado à tragédia decorrente do acidente de 05 de março de 2011, outro fato deu ao acontecimento maior visibilidade: no dia 09 de outubro de 2007, outra tragédia ocorreu na BR-282, a nove quilômetros de distância do acidente de 2011. Vinte e sete pessoas morreram em 2007, em dois acidentes ocorridos em sequência. Os veículos de comunicação, em sua maioria, lembraram o fato ocorrido em 2007 e o relacionaram com o acidente de 2011, comparando circunstâncias, número de mortos, entre outros aspectos.

## **O Diário Catarinense**

São analisadas nesta pesquisa as edições de 06 a 09 de março de 2011 do jornal Diário Catarinense, as quais contêm a cobertura do acidente na BR-282. Tal veículo foi escolhido como objeto de análise devido ao fato de ser um meio de comunicação de grande porte e circulação estadual. O Diário Catarinense possui periodicidade diária e é editado pela RBS – Rede Brasil Sul de Comunicação, afiliada à Rede Globo.

Com área de atuação em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e alguns municípios do Paraná, o Grupo opera de forma direta, ou por meio de contrato de afiliação: 18 emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo, duas emissoras de TV locais, 24 emissoras de rádio, oito jornais, 11 produtos na plataforma digital, entre outros empreendimentos.

O jornal Diário Catarinense foi o primeiro impresso do Grupo RBS em Santa Catarina, fundado pelo conglomerado há 26 anos, em maio de 1986. Diante do panorama dos jornais impressos em Santa Catarina, o Diário Catarinense desponta como líder de tiragem e circulação. De acordo com dados da ANJ – Associação Nacional de Jornais, a média de circulação do Diário Catarinense, no ano de 2010, foi de 41.962

---

<sup>4</sup> PRIMEIROS dados do Censo 2010. Disponível em:  
<[http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros\\_dados\\_divulgados/index.php?uf=43](http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=43)>. Acesso: 9 out. 2011.



exemplares por dia, deixando o impresso na 26<sup>a</sup> posição do ranking de maiores jornais do país. O jornal catarinense com número de circulação mais próxima é o Hora de Santa Catarina, com média de 30.525 exemplares/dia<sup>5</sup>.

Considerando a periodicidade do Diário Catarinense, é possível inferir que o veículo trabalha em ritmo acelerado para produção e circulação de sete edições semanais. “O jornal diário é abrangente, pois cobre vasta gama de assuntos. É temporal, pois só vale por um dia. Tem o papel de oferecer ao leitor exame analítico e reflexão sobre os acontecimentos.” (LUSTOSA, 1996, p. 85).

### **Elementos para a análise**

A presente análise consiste na observação das quatro edições subseqüentes ao dia do acidente na BR-282: domingo, 06 de março; segunda-feira, 07 de março; terça-feira, 08 de março e quarta-feira, 09 de março. A edição de quinta-feira, 10 de março, não integra a análise pois não abordou o acidente na BR-282. São levados em conta diversos aspectos da cobertura, como contagem do número de páginas dedicadas às reportagens, capas e manchetes, números de textos, fotos e fontes de informação, além da identificação das técnicas empregadas na cobertura jornalística, elementos de dramatização e sensacionalistas, estilos de linguagem e gêneros empregados.

Antes de se tornar notícia, o fato deve, primeiramente, apresentar certa relevância. De acordo com Luiz Amaral (2001, p. 69), são necessários alguns atributos para que um acontecimento possa ser considerado notícia. São eles: “atualidade, veracidade, carga de interesse humano e amplo raio de influência”. Dentro das redações dos jornais, a percepção do que é notícia acaba se tornando, em alguns casos, algo quase automático aos jornalistas, principalmente quando os fatos se mostram importantes no momento de sua descoberta. O acidente na BR-282 pertence a um conjunto de fatos que, por si só, já são importantes. De acordo com Sponholz (2009), os jornalistas vivem expostos em um mundo de notícias, onde descobrem os acontecimentos. Em alguns casos, os fatos expressam sua importância apenas por terem ocorrido. “Na percepção destes jornalistas, os acontecimentos importantes se tornam óbvios, de forma que eles

---

<sup>5</sup> OS MAIORES jornais do Brasil de circulação paga, por ano. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso: 2 out. 2011.



não precisam de um método para descobrir a matéria-prima de suas matérias. Eles simplesmente *sabem*” (SPONHOLZ, 2009, p. 129, grifo do autor).

### **A cobertura do acidente no Diário Catarinense**

Nas quatro edições analisadas, foram dedicados oito páginas ao acidente na BR-282, porém não preenchidas completamente pelo assunto, sendo que em algumas delas, as reportagens e matérias acerca do acidente ocupam menos de meia página.

No dia que sucedeu o acidente na BR 282, domingo, 6 de março, a edição do Diário Catarinense circulou composta por 124 páginas. O jornal dominical é mais extenso que as demais edições da semana. Isso se comprova, se comparado a edição do dia seguinte, segunda-feira, composta por 48 páginas. A edição de terça-feira, por sua vez, circulou com 68 páginas e a edição de quarta-feira, 76 páginas. De acordo com Bahia (1990, p. 234), o jornal de domingo, em seu conteúdo, associa o jornal propriamente dito e a revista. Isso ocorre pois as reportagens que compõe o jornal dominical são desenvolvidas com antecedência, abrangendo temas não necessariamente factuais.

Partindo da observação dos temas de destaque na capa da edição de domingo, é possível considerar que tratam de assuntos não-factuais. Mesmo com o acidente na BR-282, ocorrido cerca de 20 horas antes do fechamento da edição, o assunto não recebeu destaque de capa, uma vez que é possível que a capa desta edição já estivesse fechada com antecedência. A contra-capas também não faz menção ao acidente.

Duas matérias<sup>6</sup>, no entanto, abordam o assunto, ocupando quase uma página. A matéria de destaque “BR-282: Pelo menos 25 mortos em acidente”, possui a linha de apoio: “Ônibus e carreta – os dois com placas do RS – bateram de frente no km 693, em Descanso”. A cabeça<sup>7</sup> da matéria deixa explícitas as características do lead tradicional, o qual apresenta os aspectos mais importantes do fato: “Um acidente entre uma carreta e um ônibus – os dois veículos com placas do rio Grande do Sul – provocou pelo menos 25 mortes na BR 282, na região Oeste de Santa Catarina”. O texto possui apenas uma fonte de informações, a Polícia Rodoviária Federal, e não conta com nenhum outro entrevistado ou citação.

---

<sup>6</sup> Matéria: tudo quanto é publicado em uma edição de jornal. (LAGE, 2000, p. 59)

<sup>7</sup> Cabeça: abertura de matéria impressa, em medida, tipo ou corpo destacados. (LAGE, 2000, p. 55)



A superficialidade do relato na notícia demonstra que ela é apenas um *flash*<sup>8</sup> sobre o assunto, o qual ainda não teve tempo hábil de ser coberto com maior precisão, uma vez que a edição subsequente ao acidente circulou em um domingo. Outro fator a se considerar, neste caso, é que a sede do Diário Catarinense fica em Florianópolis, cerca de 850 quilômetros distante do local do acidente. Ainda que superficial, a notícia do acidente foi veiculada no jornal de domingo, dada a importância do acontecimento.

Apesar de não possuir falas de outras fontes, o texto traz informações jornalísticas e dados, como o trajeto que faziam os veículos que se chocaram, número de passageiros do ônibus, nome do motorista da carreta e encaminhamento dos feridos. A notícia apresenta duas fotos, que ilustram o resgate das vítimas do acidente, mostrando bombeiros, militares e civis trabalhando em meio a destroços de metal e madeiras.

Abaixo da notícia que forneceu as primeiras informações do acidente, há outro texto que dá continuidade ao fato: “Tragédia quase no mesmo local”. O objetivo desta notícia é relacionar o acidente atual com outro que aconteceu em 2007, também na BR-282. O primeiro parágrafo traz um lead, contextualizando a situação:

O local onde ocorreu o acidente, na madrugada de sábado, fica a 9 quilômetros de onde, em 9 de outubro de 2007, 27 pessoas morreram e 90 ficaram feridas em dois acidentes em sequência. Naquela ocasião, no primeiro acidente, um caminhão Volvo bitrem de Frederico Westphalen (RS), carregado de soja, bateu de frente com um ônibus de São José do Cedro, que transportava associados e funcionários de uma cooperativa.

É possível constatar que o objetivo da notícia foi relacionar as duas tragédias, trazendo algo a mais a respeito do acidente que, conforme constatado, possuía apenas informações superficiais.

Dois dias após o acidente, o Diário Catarinense apresentou, na edição de segunda-feira, 7 de março de 2011, uma cobertura mais ampla a respeito do assunto. O acidente na BR-282 e seus desdobramentos compõem o único destaque de capa da edição. Sob a manchete “Marcas de uma tragédia”, a cabeça resume o conteúdo da reportagem especial: “Dois dias após o acidente que matou 26 pessoas na BR-282, atenções se dividem entre chorar pelos mortos, cuidar dos feridos e tentar entender o que aconteceu”. A cobertura dada ao acontecimento neste momento é considerada uma

---

<sup>8</sup> Flash: primeiro anúncio de um acontecimento importante, imediatamente difundido nos despachos de uma agência de notícias. (LAGE, 2000, p.57)



suíte: “[...] continuação da cobertura de um fato já noticiado. Cobertura de seus desdobramentos (do enterro da vítima, do inquérito policial, etc).” (LAGE, 2000, p. 61). No caso do Diário Catarinense, a suíte deste fato configura-se como o principal momento da cobertura, quando o veículo produziu uma reportagem especial, abordando diversos aspectos do acidente e seus desdobramentos.

Três fotos compõem a capa. A de maior destaque mostra o local do acidente: a estrada com marcas de freadas e, ao fundo, carros e pessoas. Outra foto mostra um menino deitado em uma cama de hospital, com braços feridos, curativos e tubos de soro. A legenda acrescenta drama à cena: “Sobrevivente, o pequeno Leonardo Weimer ainda não sabe que seus pais morreram”. A terceira foto mostra pessoas debaixo de sol, carregando caixões em um cemitério. A legenda é: “Em Linha Salto, interior gaúcho, os próprios moradores cavaram sepulturas”. Na capa fica claro o objetivo de apresentar o acidente na BR-282 e seus desdobramentos, dando total destaque e importância, ainda que isto não tenha ocorrido na edição do dia seguinte ao acidente, domingo.

A Reportagem Especial sobre o acidente ocupa inteiramente cinco páginas da edição e é dividida em sete títulos: “Uma comunidade devastada”; “Menino não sabe que ficou órfão”; “O horror depois da curva”; “O desespero de quem viu a morte de perto”; “Onze feridos continuam internados”; “Após 2007, pedido para duplicação” e “PRF acredita em falha humana”.

As duas páginas de abertura da Reportagem Especial trazem como destaque a matéria assinada por Nilson Mariano, de Santo Cristo, RS, intitulada “Uma comunidade devastada”. A cabeça resume o fato principal abordado no texto, o enterro das vítimas do acidente e a comoção na comunidade de Linha Salto, interior de Santo Cristo:

Amigos, parentes e vizinhos das 18 vítimas do acidente ocorrido na madrugada de sábado, em Descanso, tentam, agora, assimilar a tragédia que atingiu em cheio toda a comunidade, convocada às pressas para cavar sepulturas, velar seus mortos e lidar com a dor.

Narrações e elementos literários aparecem em diversos momentos. De acordo com Lage (2000), a narrativa é um gênero popular. É muito comum o narrador aparecer como observador onisciente e onipresente, isto é, sabedor de tudo e presente a todos os lugares, sem aparecer objetivamente no que está narrando. (LAGE, 2000, p. 19). Tais características podem ser observadas no trecho:

A Brigada Militar de Santo Cristo calculou que mais de 6 mil pessoas foram ao velório. Vizinhos e parentes acorriam de Linha Salto, recolhendo flores plantadas nos próprios jardins. Eles moram em casa de alvenaria, daquelas que são adornadas por estatuetas de anãozinho e garças no pátio, numa paisagem de terra vermelha onde predominam lavouras de soja e milho.

O texto apresenta também, em diversas partes, aspectos de dramatização dos fatos e apelo emocional. Esta dramatização se faz presente no jornalismo atual, que vem incorporando os estilos e perspectivas do que Sodré (1998) exemplifica como sendo *feature*: “texto jornalístico baseado no interesse humano”. O autor especifica:

Do ponto de vista do conteúdo, é ampla a gama de assuntos por ela abrangidos (temas insólitos, dramas, biografias, contrastes, etc.), mas sob o ângulo da estrutura do texto, pode afirmar-se que o *feature* propicia à notícia recursos característicos de formas literárias tradicionais. (SODRÉ, 1998, p.32).

Nos trechos abaixo, o autor da reportagem cita crianças e idosos como personagens de dramas:

Ivete também estava penalizada pelo desaparecimento do seu mentor, o professor e ex-ministro católico por três décadas, Ildo José Schmidt. No dia anterior à viagem, as duas filhas gêmeas de Ivete, Ana Carolina e Maria Rita, de quatro anos, ainda brincaram com Ildo, que capinava uma roça de mandioca na frente da casa. – Tio Ildo, vem cá e me dá um abraço – pediu uma das meninas. – Outro dia, agora o tio Ildo precisa terminar a capina – respondeu o líder da comunidade.

O enterro terminou por volta das 13h30min. Três idosos passaram mal e tiveram de ser atendidos pelas equipes do Samu. Eles desmoronaram porque não resistiram à dolorosa inversão de uma lógica: despedir-se de filhos e netos. Depois de medicados, ainda aturdidos, recolheram-se aos lares desfalecidos dos seus afetos.

Tais descrições e uso dos personagens podem ser compreendidos como recursos sensacionalistas, uma vez que existe um apelo emocional e dramatização dos fatos que, em si mesmo, já são dramáticos. De acordo com a definição de Marli dos Santos (2010), não basta existir um acontecimento com potencial de causar emoção para se fazer sensacionalismo, é preciso um tratamento exacerbado do fato. A autora especifica que o sensacionalismo extrapola, por meio da linguagem (texto, som e



imagem), o que já é implícito na natureza do próprio fato (p. 1101). No entanto, é necessário considerar que o texto da reportagem possui uma veia autoral, e o recorte escolhido pelo autor, no caso do relato do sepultamento, imprime a marca pessoal de como ele optou por descrever e noticiar a situação. A notícia é uma versão de um fenômeno social, não a tradução objetiva, imparcial e descomprometida de um fato. Qualquer redator ou relator de um fato é parcial, inclusive ao escolher o melhor ângulo para descrevê-lo (LUSTOSA, 1996, p. 21).



**VOLUNTÁRIOS**  
cavaram as sepulturas  
no pequeno cemitério  
localizado entre lavouras  
que dominam a paisagem



## Uma comunidade devastada

Santa Crista (RS)  
NILSON MARANHÃO

Amigos, parentes e vizinhos das 26 vítimas do acidente ocorrido na madrugada de sábado, em Descanso, tentam, agora, assimilar a tragédia que atingiu em cheio toda a comunidade, convocada às pressas para cavar sepulturas, velar seus mortos e lidar com a dor.

As 80 famílias da comunidade rural de Linha Salto, no interior de Santa Crista, no Rio Grande do Sul, habitaram-se a ir à missa aos domingos, jogar bola nas folgas e comemorar a fartura das colheitas de soja com memórias churrascadas e baúdos. Desde as 3h30min da madrugada de sábado, no entanto, os pacíficos e opostos descendentes de colonizadores alemães terão de aprender a conviver com o luto. E para sempre.

O desastre que ceifou 26 vidas na BR-282, em Descanso, no oeste de Santa Catarina, entrecruza a todos em Linha Salto. Ninguém ficou imune às lágrimas. Quem não era pai, mãe, avô, filho ou parente, tinha laços de compadrio ou amizade com a equipe de bóia que viajou no ônibus de excursão atingido por um caminhão bitrem. O velório dos 19 mortos de Linha Salto foi realizado na manhã de ontem, no Centro Recreativo Tiradentes, justamente o local reservado para os festejos e jogos. Traizados por caminhonetes funerárias e um caminhão frigorífico, os caixões foram alinhados na quadra de futsal do clube. O sentimento era de que o acidente de trânsito teve o poder de dilacerar o povoado inteiro. Famílias foram despedidas. Dos 42 dos Boverini,

morreram os irmãos João Claudino, Elói e Paulo Cesar, mais as mulheres Madere e Liame. Como a comunidade é pequena, os vizinhos casaram-se entre si. Todos estamos sofrendo – disse o líder local Ivete Fröhlich Rohrerlihl.

### A seu jeito, cada um tenta achar consolo

A própria Ivete sentiu-se desolada, pois perdeu dois filhos e três primos. Como é missionária católica, auxiliando nas celebrações da Igreja Sagrado Coração de Jesus, tentava arrastar forças para confortar os mais desesperados. Mas admitiu o seu desalento, levando as mãos à cabeça.

– Não sei por onde começar, o que fazer. Ivete também estava penalizada pelo desaparecimento do seu mentor, o professor e ex-ministro católico por três décadas, Ildo José Schmidt. No dia anterior à viagem, as duas filhas gêmeas de Ivete, Ana Carolina e Maria Rita, de quatro anos, ainda brincaram com Ildo, que capinava uma roça de mandioca na frente da casa. – To Ildo, vem cá e me dá um abraço – pediu uma das meninas. – Outro dia, agora o tio Ildo precisa terminar a capina – respondeu o líder da comunidade.

O prefeito de Santa Crista, José Luis Segor, decretou luto oficial por três dias, a contar de sábado, e mobilizou ambulâncias e enfermeiras para amparar os familiares. No velório e no sepultamento, pelo menos 50 pessoas passaram mal, algumas tiveram de ser atendidas pelas duas equipes do Samar. O governador do RS, Tarso Genro, compareceu ao velório. Quando chegou, em torno das 10h55min de ontem, o Centro Recreativo Tiradentes já estava lotado. Organizadores pediam que as despedidas e homenagens fossem breves, porque mais gente esperava do lado de fora para entrar. Debragados sobre os caixões, familiares agarraram a fofalha em que se transformou o centro recreativo. Ventiladores não conseguiram aliviar o calorão, agravado pela concentração da multidão.

### Todos são parentes ou se conheciam na comunidade

A Brigada Militar de Santa Crista calculou que mais de 6 mil pessoas foram ao velório. Vizinhos e parentes acorriam de Linha Salto, recolhendo flores plantadas nos próprios jardins. Eles moram em casas de alvenaria, daquelas que são adornadas por estatuetas de anjozinho e garças no

pólo, numa paisagem de terra vermelha onde predominam lavouras de soja e milho. Em função das dimensões da tragédia, três padres e dois bispos (dom Estanislau Kreutz e dom José Clemente Weber, da diocese de Santo Ângelo) rezaram a missa das exéquias. Entre os presentes, estavam equipes de bóia de várias localidades, conterrâneas com o fim dos parentes de Linha Salto. – Temos 10 grupos de bóia em Santa Crista, é um esporte que só traz amizades, todos nos conhecemos – disse Benildo Mengednik, de Vila Sítia. Esportistas do Paraná, onde o clube de Linha Salto se apresentaria no feriado de Carnaval, também vieram. João Specht contou que aguardavam os parentes ganhados com o café da manhã, em Pato Bragado. – Depois, iríamos jogar bóia e teríamos um almoço festivo – lembrou Specht. Os que deixaram de embarcar no último momento estavam inconscientes. Cláudio Schmidt comentou que desistiu na véspera, por razões que não sabia explicar. Uma agricultora recuou porque uma das suas vacas adoeceu quando estava prestes a dar cria. Havia os que se afilijam com a falta de informações sobre os sobreviventes. Jacinta Madere queria saber

do irmão, Almino, que deveria passar por uma cirurgia em Santa Catarina. O sepultamento no Cemitério Comunitário de Linha Salto também precisou do apoio de voluntários. Agricultor e pedreiro, Délio Medeiros reuniu 14 vizinhos de Linha Larga, no lado oposto de Santa Crista, para cooperar na abertura das covas. – É um fato que nunca se viu – comentou-se, com as mãos njas de cimento. Coordenador dos trabalhos, bo José Bourischel mudou o curso: 25 sepulturas (18 foram ocupadas, a 19ª vítima local foi para outro distrito). Diante das notícias de que alguns sobreviventes estavam em situação grave, decidiu se prevenir. – Isso arrasou a nossa comunidade. Aqui todo mundo é parente ou conhecido – lamentou Bourischel. O enterro terminou por volta das 13h30min. Três idosos passaram mal e tiveram de ser atendidos pelas equipes do Samar. Eles desmoenaram porque não resistiram à dolorosa inversão de uma lógica: despedir-se de filhos e netos. Depois de medicações, atada aturdidos, recolheram-se aos lares desolados dos seus afetos.

nilson.maranhao@globo.com.br

Reportagem principal das páginas 4 e 5, edição de segunda-feira, 7 de março de 2011.  
Fonte: Arquivo DC.

Uma foto grande e chamativa de vista ampla do Cemitério Comunitário de Linha Salto, onde as pessoas abriam sepulturas, também compõe a reportagem. De acordo com Lage, a imagem exerce, em casos como este, papel fundamental de complementação do que é dito no texto, e vice-versa:

Diante do relato feito em texto, pode-se sempre perguntar *como terá sido isso*, e imaginar uma possível realidade concreta; diante do relato com imagens que se sucedem, cabem as perguntas *qual o nome disto? E o que isto quer dizer?* (LAGE, 2000, p. 7, grifo do autor).

Considerando o destaque dado ao texto, foto e exposição do sepultamento das vítimas, nota-se que a suíte do acontecimento, no caso o acidente, recebeu maior visibilidade no jornal Diário Catarinense, que o próprio fato em si, no dia anterior.

Ao lado da reportagem principal, outra compõe a cobertura, intitulada “Menino não sabe que ficou órfão”. Trata-se de uma narrativa que conta a história de um menino que sobreviveu ao acidente, no qual seus pais perderam a vida. É notável a intenção de chocar o leitor e envolvê-lo na dramática história começando pelo primeiro parágrafo do texto, que nesse caso desempenha o papel de uma espécie de lead:

Do meio de corpos mutilados, malas desfeitas e poltronas retorcidas, um menino de quatro anos emergiu com vida na madrugada de sábado, na BR-282, em Descanso. Marcado por arranhões no rosto e nos braços, Leonardo Weimer, o mais frágil dos passageiros, salvou-se para virar um símbolo da tragédia. Seus pais, Ari Weimer, 49 anos, e Marli Ickert, 40 anos, morreram no acidente.

De acordo com a definição de Oliveira (2010), a palavra drama, em um sentido amplo, designa um fato ou situação envolvendo emoções intensas e profundas. Como gênero, prioriza aspectos humanos universais, dentro de uma ótica realista, pressupõe o individual, tratando de conflitos sentimentais e focaliza a família (OLIVEIRA, 2010, p. 421). Tais características são notáveis em outros momentos do texto, como é o caso dos parágrafos que encerram a narrativa:

No quarto, Leonardo fechava os olhos, mas não conseguia dormir no sábado à tarde. Despertava aos pulos, sobressaltado, chamando pelos pais que ele acreditava estarem vivos. – Ninguém teve coragem de contar a verdade para ele – confessa o tio.

É provável que Leonardo, filho único do casal, fique com um dos tios, vereador em Giruá, no noroeste do RS. Por enquanto, o drama dele comove o hospital. É impossível vê-lo dormir ou escutar os seus relatos sem se emocionar. – Ele pede para a mãezinha dele vir buscá-lo – conta Neila Schneider Vais, 25 anos, vizinha de leito, grávida de nove semanas e mãe de três crianças. Numa das camas da frente, a dona de casa Geneci Alves Siqueira, 18 anos, mãe de Tauana, oito dias de vida, mareja os olhos ao ouvi-lo: – Agora ele está dormindo, mas quando acordar ele vai dizer: “Eu quero a minha mãe”.



A dramatização presente na narrativa pode, por outro viés, ser considerada uma tentativa ou alternativa de humanização no relato dos fatos, colocando os personagens como contadores da história, a partir dos seus pontos de vista, expressos nas declarações. No entanto, de acordo com o autor Pereira Junior (2010), humanizar a apuração de um fato não consiste em apenas descobrir figuras ímpares que o ilustrem, onde os personagens são o exemplo que garante gancho à pauta. Humanizar não se limita tampouco a dar a notícia por meio dos incidentes que marcaram um personagem em especial que expressa ou seja a notícia (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 95). O ato de humanizar um relato tem um sentido amplo:

É resistir à tentação de estandarizar ou de precipitar análise sobre uma pessoa – mas, o que é mais complicado, não reduzir os significados possíveis que retratamos na história. Noticiar com frieza protocolar é um ato desumanizante, seja o alvo da apuração uma pessoa, cena ou história. “Desumanizar” é, por óbvio, tratar de pessoas como quem fala de fenômenos climáticos ou estatísticos. Mas é também a fragmentação dos sentidos, a superficialidade, a falta de contextualização ou o distanciamento acríptico das situações, uma abordagem opaca sem margem a dúvidas, um julgamento preto no branco, a simular um ordenamento e uma previsibilidade sobre o comportamento humano e sobre as realidades apuradas, que quase sempre são desmentidos por apuração mais rigorosa dos incidentes. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 96).

Nas demais notícias que compõe a cobertura da edição de segunda-feira, o veículo apresenta dados para ilustrar o acidente, a BR 282, declarações do Governador do Estado e da PRF, além de relatos de pessoas que sobreviveram ao acidente ou que nele perderam entes queridos, como é o caso do texto “O desespero de quem viu a morte de perto”. A reportagem inicia contando a história de Fernando e Aline:

Abafados por pilhas de corpos, poltronas e malas, os sobreviventes mal conseguiam pedir socorro. O advogado Fernando Luís Diel, 29 anos, posicionado na parte traseira do ônibus, temia estar sendo esmagado quando abriu os olhos. –Eu fiquei preso, sem me mexer. Só sentia um líquido quente nas pernas, que era o sangue de um amigo escorrendo – conta Diel, que se manteve calmo após ouvir a voz firme da mulher dele, Aline Hammes, 28 anos: – Acho que quebrei as pernas, mas estou bem.



É perceptível, também nesta reportagem, traços de sensacionalismo em tentativa de comoção do leitor. A versão da história contada de acordo com a vivência dos três homens faz com que o leitor sinta-se experimentando aquelas sensações, ou ainda, identificando-se profundamente com os personagens. De acordo com Pereira Junior (2010, p. 96), este recurso trata-se também de uma tentativa de humanização do relato, o que implica em:

[...] colocar as pessoas no centro do noticiário, aprimorar o estilo e aprofundar a apuração, ter apego a detalhes de cenas, gestos e comportamentos, além de conseguir extrair de cada personagem ou fenômeno o sumo que interessa à história que relatamos. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 100).

As edições de terça-feira, 8 de março de 2011, e quarta-feira 9 de março de 2011, dedicam-se a noticiar os desdobramentos da vasta cobertura do acidente, feita na edição de segunda-feira, 7 de março de 2011. Apesar de ainda ser um assunto em voga, o acidente não recebeu destaque de capa, mas foram publicadas matérias com os títulos: “Respostas que o tacógrafo vai dar”, “Órfão pode ficar com o tio” e “Caminhões bitrem podem causar risco”, na terça-feira; “Tragédia na BR-282: IGP vai analisar tacógrafos”, na quarta-feira. Diante da ausência de novidades acerca do acidente, a cobertura do jornal Diário Catarinense foi diminuindo suas proporções em destaques, espaços e apuração.

## **Considerações**

Diversos aspectos permeiam a forma de noticiar um acontecimento de grandes proporções. A priori, notamos que a edição de domingo, dia que sucedeu o acidente, já se encontrava encaminhada e, possivelmente com a capa e contra capa fechadas, uma vez que o acidente não recebeu destaque. Na página interna em que o fato foi noticiado, percebemos um tratamento superficial dos dados, possivelmente ocasionado pela ausência dos mesmos, até então.

Em contraste à superficialidade do assunto na edição de domingo, a edição de segunda-feira abordou o assunto como único destaque de capa, apresentando reportagem especial de 5 páginas, com todos os fatos e desdobramentos acerca do acidente e já com as informações do sepultamento das vítimas. Diferentemente dos



textos em forma de notícia e breve relato dos fatos apresentados no domingo, a edição de segunda-feira trouxe reportagens, fazendo uso de estilo literário e narrativas descrevendo os locais, personagens e situações, comprovando que estar presente no local onde os fatos acontecem enriquece a apuração.

No entanto, a cobertura de um assunto delicado como o acidente na BR-282 exige cautela em sua abordagem, uma vez que os personagens envolvidos enfrentaram ou ainda estão enfrentando drama intenso. O acidente, pelas suas proporções e número de mortos, é em si mesmo um fato sensacional. O tratamento dado às informações, relatos e descrições pode, portanto, escandalizar ainda mais o acontecimento, transformando-o em um drama também para o leitor.

São defensíveis, no entanto, as estratégias e alternativas de humanização dos relatos e fatos, para que as informações não sejam fornecidas apenas por fontes especializadas e oficiais. É necessário inserir os personagens da vida real nos relatos jornalísticos diários, porém é preciso levar em conta os sentimentos do leitor, que pode sentir-se chocado com determinadas descrições e emoções fortes, às quais pode ele não estar preparado para receber no jornal, uma vez que, neste mesmo veículo informativo, se encontram matérias de diversos assuntos, inclusive entretenimento.

O abuso de elementos e de personagens dramáticos acaba por transformar o sensacionalismo em um recurso explícito em determinados momentos da cobertura do Diário Catarinense, especialmente na edição de segunda-feira. Cabe então, o questionamento: Tal sensacionalismo é nocivo ao leitor e ao veículo? Ainda que o estudo do termo sensacionalismo e suas características seja algo antigo, as práticas jornalísticas devem ser reavaliadas constantemente e, na contemporaneidade o recurso é utilizado pelos mais diversos segmentos midiáticos, tanto em jornais de referência como nos formatos populares, porém a diferença se encontra em ser declarado como sensacionalista ou não. Cabe ao jornalista como profissional e ao veículo como empresa, no entanto, medir as conseqüências dos recursos utilizados nas coberturas, avaliando de que forma estas contribuirão para a informação do leitor e geração de conhecimento em um prospecto social.

As edições de terça e quarta-feira, que seguiram a reportagem especial sobre o acidente, demonstraram o desdobramento dos fatos apresentados anteriormente, no entanto sob um viés mais explicativo e informativo, em formato de notícias e notas. Fica evidente que o ponto alto do acontecimento já havia passado, o que se mostra no Diário Catarinense pelos destaques escassos ao assunto e pelas notícias que já não mais



possuem grande visibilidade. O tratamento do fato volta a ser deveras superficial, uma vez que as informações novas não são representativas ou a apuração foi interrompida para dar foco a outros assuntos que passaram a estampar o jornal, como por exemplo, o Carnaval e seus desdobramentos, evento que ocorria na data.

É constatável ainda, que a atenção dada ao acidente, ocorrido no extremo oeste catarinense, deslocou as atenções da mídia em geral, assim como do Diário Catarinense, para a região, no entanto, as edições seguintes voltaram a ter como foco principal outras regiões do estado, como a Capital Florianópolis e o litoral, acentuando, desta forma, uma máxima de que o Extremo Oeste é silenciado, de certa maneira, pela grande mídia. Tal constatação pode ser feita se observarmos a edição de domingo, de terça e de quarta-feira, três das quatro analisadas neste trabalho, que não oferecem destaque à assuntos relacionados à região. A edição de segunda-feira, no entanto, por trazer a reportagem especial sobre o acidente, o tem como foco e, conseqüentemente se volta para a região. A partir desta constatação, é possível mencionar a explicação de autores como Márcia Franz Amaral, que argumenta o deslocamento das atenções da grande mídia a minorias e, neste caso a determinadas regiões que se encontram fora do eixo litorâneo, apenas quando se trata da cobertura de tragédias.

## Referências

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001. 259 p.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006. 142 p.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. v. 2. São Paulo: Ática, 1990.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

**BR-282**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/BR-282>>. Acesso em 20 set. 2011.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: Um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993. 71 p.

**DIÁRIO Catarinense**, Florianópolis, n. 9.078, n. 9.079, n. 9080, n. 9081. 6 a 9 mar. 2011.



DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Summus, 1986. 160 p.

**GRUPO RBS**. Disponível em:

<[http://www.gruporbs.com.br/quem\\_somos/index.php?pagina=grupoRBS](http://www.gruporbs.com.br/quem_somos/index.php?pagina=grupoRBS)>. Acesso em 2 out. 2011.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2001. 157 p.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da notícia**. São Paulo/SP: Ática, 2000. 64 p.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. 192 p.

OLIVEIRA, Maria Helena Castro de. Drama. **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

**OS MAIORES jornais do Brasil de circulação paga, por ano**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em 2 out. 2011.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2010.

**PRIMEIROS dados do Censo 2010**. Disponível em:

<[http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros\\_dados\\_divulgados/index.php?uf=43](http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=43)>. Acesso em 9 out. 2011.

SANTOS, Marli dos. Sensacionalismo e jornais. **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

SODRÉ, Muniz. A dramatização dos factos violentos. **Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa: Cosmos, jan. 1998. p. 27 a 37.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. v. 4. Florianópolis: Insular, 2009. 192 p.

WAGNER, Arlise. Tragédia: 27 pessoas morrem em acidente na BR-282. **Jornal Força d'Oeste**. Itapiranga, p.17, 11 mar. 2011.